

Parentes, amigos e assalariados livres na agricultura Ática no período clássico*

André Leonardo Chevitaresh

Résumé

Quand nous cherchons des informations sur le type de main-d'oeuvre que la khóra attique connut pendant le période Classique, nous remarquons, parmi les chercheurs contemporains, un grand silence au sujet de l'existence de travailleurs libres, d'un côté, et une surprenante généralisation de l'esclavage dans l'espace rural, d'un autre côté. Ce travail cherche à démontrer qu'une partie considérable des produits agricoles attiques put être produite uniquement grâce aux travaux entrepris par une parcelle signifiante de la citoyenneté athénienne.

Os textos antigos gregos deixam transparecer, além da escravidão, a existência de outros tipos de mão-de-obra empregues na *khóra* ática. Infelizmente, porém, as informações, compreendendo estas outras formas de trabalhos, são escassas, curtas e fragmentadas, impedindo, assim, uma completa compreensão da sua extensão e importância no espaço rural ateniense. Destacam-se, entre elas, o emprego de parentes, amigos e trabalhadores assalariados livres. Uma análise, enfocando a utilização destas forças de trabalho, ampliará a nossa visão acerca dos meios empregados pelos agricultores atenienses para a exploração da sua propriedade fundiária.

Discutiremos, de imediato, como foi descrito o *autourgós* nos textos antigos. Esta análise será importante, tendo em vista que era ele, em grande parte, quem dependia dos parentes e amigos para superar as dificuldades que insistiam em lhe fazer companhia¹. Foi ele, também, juntamente com a sua família, que buscou se empregar, como trabalhador assalariado, na propriedade do grande proprietário como forma de comple-

* Este artigo é parte integrante, com modificações, da minha tese de doutorado defendida no Departamento de Antropologia Social da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Dra. Haiganuch Sarian.

mentar os seus rendimentos. A seguir enfocaremos, separadamente, o papel desempenhado pelos parentes, amigos e trabalhadores assalariados na agricultura ateniense.

Não há, praticamente, na documentação antiga, informações sobre o pequeno proprietário fundiário, responsável por constituir a parcela mais expressiva do agricultores áticos. Os poucos dados disponíveis sugerem que ele, juntamente com a sua família, viviam nos limites da subsistência, enfrentando inúmeras dificuldades para reverter esta situação. A peça *Electra*, de Eurípides, embora seja ambientada em território argivo, representa um dos raríssimos textos antigos, onde é possível compreender o grau de dificuldade enfrentado por estas famílias camponesas. As dificuldades enfrentadas pelos pequenos agricultores de Argos não devem ter sido muito diferentes daqueles de Atenas. Deve ser considerado, ainda, que Eurípides, embora se referindo a Argos, poderia estar descrevendo uma situação característica do interior da própria *khóra* ática. É possível estabelecer, a partir da sua leitura, neste sentido, um conjunto de indícios que revelam a questão acima. Eles podem ser assim sistematizados:

1°. *Electra*, a mulher de um *autourgós*, desempenha atividades, tanto no interior, quanto no exterior do espaço da casa. Estes trabalhos, como a própria personagem observa, devem ser realizados para atenuar as pesadas cargas impostas ao seu marido²;

2°. *Electra*, pelas funções que desempenha, é vista, por Orestes, como uma escrava (δοῦλης γυναικός)³;

3°. O *autourgós*, contando apenas com uma junta de bois, realiza sozinho todas as atividades no seu campo⁴;

4°. O camponês procura manter, em sua casa, um pequeno estoque de alimentos e de carvão. A quantidade armazenada de alimentos era extremamente baixa, não sendo suficiente para atender o consumo da sua própria família por mais do que um dia⁵.

Quando buscamos definir, ao longo da referida peça, o tipo de terreno que o camponês ocupa e explora, bem como a sua localização no interior do respectivo território, verificam-se duas características básicas: primeira, a sua propriedade fundiária está localizada numa região montanhosa, apresentando uma grande dificuldade para a prática agrícola, embora a junta de bois possa assinalar a presença de campos aráveis utilizados por este agricultor. O quadro sugerido pela tragédia, contudo, é que a condição de vida desta família camponesa era extremamente difícil⁶. A segunda característica sugere que a sua casa está muito distante do espaço urbano, estando inserida numa área fronteira de difícil acesso⁷. O texto antigo, em questão, revela, com relação a *Electra* e ao *autourgós*, seu marido, um

tipo de vida quase que totalmente à margem da sociedade. Este comportamento seria o resultado de uma dupla questão: ao mesmo tempo em que a labuta interminável e a solidão constante estavam plenamente integradas com o enredo da peça, o poeta deixa transparecer as dificuldades diárias enfrentadas pelos camponeses, muitos dos quais, presentes, como espectadores, durante a apresentação da peça de Eurípides. Não deve ser perdido de vista, no entanto, que a pequena propriedade fundiária estava pulverizada ao longo de toda a *khóra* ática e que o camponês lançou mão de diferentes estratégias para contornar as suas dificuldades diárias. Podem ser destacadas, entre elas, o emprego dos parentes e amigos no auxílio das suas atividades agrícolas, além de se empregar, juntamente com a sua família, como trabalhador assalariado, nas terras do grande proprietário fundiário, localizado no interior do seu respectivo *dêmos* rural, geralmente em épocas de pico agrícola, conseguindo, assim, uma complementação da renda familiar. É importante salientar, no momento em que mencionamos o trabalho assalariado livre, que ele desempenhou um papel importante, porém secundário, no interior da economia ateniense. Ele se caracterizou, ao longo de toda a antigüidade greco-romana, como uma atividade eminentemente sazonal⁸. Ele irá se tornar a forma predominante de apropriação dos excedentes da produção, só muito recentemente, com o advento do capitalismo⁹.

A documentação antiga produziu muito pouca informação sobre a participação de parentes e amigos, enquanto colaboradores, no auxílio das atividades agrícolas dos agricultores áticos. Com relação ao primeiro caso, os textos antigos procuram estabelecer uma hierarquia, ao nível do comportamento que um indivíduo deveria adotar. Aristóteles oferece alguns dados sobre esta questão:

“Por exemplo, é mais grave defraudar dinheiro de um companheiro (ἑταῖρον) do que de um cidadão (πολίτην); ou negar ajuda a um irmão (ἀδελφῶ) do que a um estranho (ἄθνεῖω)¹⁰.”

Constata-se, nas comparações propostas, que o autor valoriza a relação de proximidade entre duas pessoas. Assim, é mais grave um indivíduo prejudicar o seu companheiro, já que eles convivem num mesmo ambiente, compartilham dos mesmos amigos e, sob muitos aspectos, dividem as mesmas dificuldades, do que um cidadão, o qual, embora vivendo numa mesma *pólis*, mantém, sob muitos aspectos, com este indivíduo, uma relação de total distanciamento. Verifica-se, em um segundo momento, o autor criticando aquele cidadão que deixa de socorrer o seu irmão, que além de pertencer ao seu *oikós*, é o seu parente mais próximo. É com

ele que a família espera contar, num primeiro momento, no caso de algum acontecimento grave, como por exemplo, uma crise alimentar. Estas relações de proximidade serão reafirmadas por Aristóteles:

“Visto que as reivindicações dos pais (γονεῦσι), dos irmãos (ἀδελφοῖς), dos companheiros (ἑταῖροις) e dos benfeitores (εὐεργεταῖς) são diferentes, nós devemos retribuir para cada uma delas o que é próprio e desejado¹¹.”

Esta passagem deixa transparecer, indiscutivelmente, uma prioridade hierárquica que o cidadão estabelece com relação ao outro. Desta forma, no caso de ajuda, de sustento e de trabalho, por exemplo, o cidadão deverá auxiliar ou ser auxiliado, pelos seus pais, pelos seus irmãos (e parentes), pelos seus companheiros e, por fim, pelos seus benfeitores. Observa-se, nos dois primeiros casos, que a relação de proximidade se dá no ambiente familiar, isto é, no interior do *oikós*. Os parentes devem se ajudar, já que, em última instância, a sobrevivência da família é fundamental no sistema *poliade*. Os outros dois casos estão situados fora da esfera familiar. Neste sentido, é muito importante, para o agricultor, por exemplo, manter uma ótima relação com os seus vizinhos. Embora estes últimos sejam vistos como os ‘estrangeiros’ mais próximos do primeiro, eles constituem aquela ajuda imediata e, muitas vezes, indispensável, para o agricultor¹². Por fim, aparecem os benfeitores. Os textos antigos não oferecem quase nenhuma informação sobre eles, principalmente, em contextos rurais. Com relação a Atenas clássica, o único caso conhecido é aquele referente a Címon¹³.

Com relação ao papel desempenhado pelos amigos, em particular, aquele gozado pelo vizinhos, na *khóra* ática, há dois interessantes exemplos contidos nos *corpora* de Demóstenes. No primeiro deles, Apolodoro, o orador do discurso, revela as bases desta cooperação:

“Com efeito, juizes, Nicóstrato, aqui presente, que era vizinho meu no campo (γεῖτων μοι ὢν ἐν ἀγρῷ), possuindo a minha mesma idade e era meu conhecido há muito tempo (καὶ ἡλικιώτης, γνωρίμωσ μὲν μοι εἶχε καὶ πάλαι), quando o meu pai morreu e eu me estabeleci no campo (ἐν ἀγρῷ) onde agora eu vivo, tivemos uma relação muito maior um com o outro, por sermos vizinhos e possuímos a mesma idade. [...] jamais deixei de fazer aquilo que me pediu e, por seu lado, tampouco ele me foi inútil para cuidar e administrar os meus bens, e sempre que me ausentava [...] lhe deixava como responsável de todos os meus bens no campo. Na ocasião, eu fiquei responsável por uma trierarquia [...] e lhe encarreguei que se ocupasse dos meus assuntos de casa e os administrasse, como em tempos anteriores¹⁴.”

Apolodoro deixa transparecer, ao longo da citação, a existência de uma cooperação não-monetária entre ele e o seu vizinho, Nicóstrato. Esta ajuda mútua, pela própria descrição feita, parece ser, de algum modo, comum e rotineira entre vizinhos, enquadrando-se, perfeitamente, nos padrões de normalidade da sociedade ateniense. Esta cooperação é mediada pelos critérios de amizade (eles se conheciam há muito tempo e possuíam a mesma idade), proximidade (eles eram vizinhos no mesmo *dêmos* rural) e reciprocidade (troca de favores entre eles). Estes critérios não implicavam a submissão de uma parte pela outra, mas, uma troca entre indivíduos iguais que pertenciam ao mesmo grupo social, isto é, eles estavam inseridos no corpo cívico. Há outras formas dos vizinhos cooperarem entre si, seja pelo empréstimo de dinheiro ou de instrumentos agrícolas. Teofrasto, ao abordar esta questão, escreveu:

“E, ao receber dinheiro de alguém, rejeita-o, dizendo que é uma miséria e troca-o por outro. Se emprestou um arado, um cesto, uma foice, um saco, lembrando-se disso à noite, durante a insônia, levanta-se para reclamá-los¹⁵.”

É necessário, de imediato, tecer algumas observações sobre esta citação. Ela retrata camponeses e não grandes proprietários fundiários, como era o caso daquela passagem, citada mais acima, envolvendo Apolodoro e Nicóstrato, muito embora, também, neste último caso, o empréstimo de dinheiro fizesse parte das relações entre amigos¹⁶. Teofrasto segue uma característica bastante conhecida, entre os autores antigos gregos, ao tratar de maneira preconceituosa os residentes do espaço rural, em particular, os camponeses áticos. Nesta perspectiva, eles aparecem sempre como pessoas broncas, politicamente ingênuas, grosseiras e pouco receptivas às novidades propostas pelo espaço urbano¹⁷. Feitas estas observações preliminares, podemos agora analisar a referida passagem. A primeira parte fala sobre um empréstimo que o camponês teria feito, possivelmente, a um amigo. Este último devolve, depois de transcorrido um certo período de tempo, a quantia que havia sido tomada por empréstimo, sem os juros. Este dado pode revelar um interessante indício, qual seja: entre amigos, o empréstimo de dinheiro deveria ocorrer sem qualquer tipo de interesse. No momento em que o camponês recusa o dinheiro de volta, já que ele contava receber os juros sobre o capital adiantado, ele estaria rompendo com as regras da boa vizinhança, da solidariedade e da reciprocidade que deveriam nortear as relações entre os membros de um mesmo grupo. Teofrasto poderia, com este exemplo, reforçar a rusticidade do camponês ático, muito embora, voltamos a insistir neste ponto, a devolu-

ção do dinheiro sem juros, como fez o amigo que tomou o dinheiro emprestado, parece ser a regra neste tipo de relação. A segunda parte da citação reflete uma característica, provavelmente, bastante difundida na *khóra* ática, qual seja, o empréstimo dos instrumentos agrícolas entre parentes e amigos¹⁸. A última parte desta passagem, isto é, o camponês indo reclamá-los durante a noite, deve ser inserida naquele perspectiva pejorativa e preconceituosa dos autores antigos gregos. Verifica-se, também, uma forte crítica ao agricultor mesquinho, que proíbe a sua mulher de emprestar produtos aos seus vizinhos¹⁹. Podemos supor que os textos antigos, ao mencionarem estes empréstimos entre vizinhos, revelam que tal prática era importante e, provavelmente, difundida na *khóra* ática. A associação feita por Teofrasto entre o camponês e a sua mulher, ao nível da proibição de emprestar produtos da casa aos vizinhos, não é desprovida de sentido. A convivência entre as famílias vizinhas poderia estreitar as relações de amizade entre as esposas dos agricultores. Ao se tornarem amigas, elas poderiam se visitar mutuamente, abrindo a possibilidade não apenas de trocarem ou emprestarem produtos agrícolas entre si, mas, inclusive, de tomarem conhecimento de possíveis problemas envolvendo as suas próprias famílias, tentando, a partir daí, resolve-los²⁰.

Os textos antigos oferecem um número razoável de referências envolvendo o trabalho assalariado livre, muito embora, em alguns casos, haja uma dificuldade em determinar o *status* dos trabalhadores agrícolas envolvidos nestas atividades²¹. Os camponeses poderiam desempenhar atividades de segadores (θεριστάς)²², debulhadores (ἀλοῶντες)²³, joeiramento (λικμῶντες)²⁴, colheitadores de azeitonas (ἐλαολόγοι)²⁵ ou eles poderiam ser, simplesmente, definidos como trabalhadores assalariados (ἐργαζομένοις μισθωτοῖς)²⁶.

A julgar pelo número razoável de referências, podemos assumir que este tipo de trabalho era bastante comum na *khóra* ática, especialmente entre os camponeses. Há, inclusive, uma passagem bastante conhecida nos textos antigos, que ajuda a reforçar esta posição. Ela está inserida na comédia de Menandro. Trata-se de uma descrição que Górgias faz de Knémon para um terceiro personagem de nome Sóstrato, todos eles proprietários rurais do *dêmos* de Phile, localizado no noroeste de Atenas, na tribo de Oineis.

“[...] trabalhando com as suas próprias mãos, sempre só, sem homem nenhum que lhe ajude, nem criado próprio (οὐκ οἰκῆτην οἰκεῖον), nem assalariado do lugar (οὐκ ἐκ τοῦ τόπου μισθωτόν), nem vizinho (οὐχὶ γείτον): apenas ele²⁷.”

A passagem é extremamente interessante. O autor menciona três das principais forças de trabalho presentes na agricultura ateniense, deixando, somente de fora, a mão-de-obra representada pelos parentes. Esta ausência pode estar relacionada, provavelmente, com o critério de proximidade, isto é, em muitos casos, os parentes do agricultor podem estar localizados em outras regiões do território *poliade*. A força de trabalho localizada mais próxima dele seria composta de escravos, caso ele os tivesse, dos trabalhadores assalariados livres, se ele tivesse condições de contratá-los e dos vizinhos, estes sempre perto e, na maioria dos casos, sempre prontos para ajudar. Não deixa de ser significativo, no entanto, o fato de Menandro citar o trabalho assalariado. A sua menção pode caracterizar um forte indício da sua difusão na *khóra* ática.

As mulheres, filhas ou esposas de cidadãos, aparecem também relacionadas com este tipo de trabalho. Conhecemos, apenas, um caso concreto relativo a Atenas, advindo dos textos antigos. Trata-se de uma peça jurídica inserida nos *corpora* de Demóstenes, onde o orador do discurso, de nome Euxíteo, menciona a presença de mulheres exercendo as funções de segadoras e vindimadoras no período de fortes infortúnios para a *pólis*, possivelmente, após o término da guerra do Peloponeso²⁸. Há uma outra passagem, inserida nos diálogos platônicos, onde os interlocutores debatem acerca das tarefas pertinentes às mulheres. O personagem denominado ΑΘΗΝΑΙΟΣ ΞΕΝΟΣ coloca o seguinte questionamento:

“Então, qual dos sistemas agora em voga, nós devemos prescrever como o preferido para aquela associação, à qual nós estamos agora impondo sobre elas? Deve ser aquele dos trácios e muitas outras tribos (γένη), que empregam as suas mulheres no lavar a terra, no cuidar dos bois e no pastoreio dos gados, da mesma forma como fazem os escravos (δοούλων)? Ou aquele que nós lhes impomos e todos os povos vizinhos (οἱ περὶ τὸν τόπον ἔκεινον)? Entre nós, as mulheres são tratadas da seguinte maneira: nós amontoamos todos os nossos bens (χρήματα), como se diz, entre quatro paredes e os entregamos à administração das mulheres, juntamente com o controle dos teares (κερκίδων) e todos os trabalhos de lã²⁹.”

Esta citação deixa transparecer uma posição ideológica por demais conhecida nos textos antigos, qual seja: a prática do ‘cortinar’ feminino prescrito pelos autores gregos, oriundos dos grupos mais abastados do corpo cívico. Em outras palavras, o espaço de ação da mulher ateniense estaria reservado ao interior da casa. Apenas fora do mundo *poliade*, de acordo com a própria passagem acima, portanto, entre os bárbaros, a mulher estaria envolvida com atividades externas, em particular, com a agri-

cultura. Esta questão ideológica pode ser utilizada como um forte argumento explicativo sobre o porquê do silêncio, nos textos antigos, das atividades desempenhadas pelas mulheres atenienses na agricultura³⁰. Considerando as passagens contidas nas *corpora* de Demóstenes e em Platão, poderíamos ser levados a concluir que as atenienses, esposas ou filhas dos camponeses áticos, dificilmente poderiam ser encontradas desempenhando trabalhos agrícolas. Quando analisamos a documentação arqueológica, em particular, a cerâmica ática de figuras vermelhas, no entanto, identificamos mulheres envolvidas em atividades que seriam características do universo masculino. Muito embora não saibamos precisar qual o estatuto social destas mulheres representadas nos vasos, esta identificação é extremamente significativa. Dos sete vasos diretamente relacionados com a colheita de frutas, todos eles, sem exceção, apresentam mulheres exercendo este tipo de trabalho³¹. Esta temática não deve ser vista como uma simples “invenção” dos pintores da cerâmica ática, mas, ao contrário, ela se encaixa no quadro das seguintes possibilidades: situação do cotidiano resgatada pelos referidos pintores; relatos, diretos ou indiretos, que circulavam no interior da *pólis* ateniense, que chegaram ao conhecimento destes pintores, e que lhes serviram como fonte de inspiração para a produção destas cenas; encomendas feitas por particulares aos pintores sobre esta temática específica. As três possibilidades levantadas acima apontam para uma atividade feminina concreta realizada no interior da *khóra* ática, qual seja, a colheita de frutas.

O trabalho assalariado livre gozava de um *status* muito baixo entre os autores antigos gregos³². Já tivemos oportunidade de observar que esta posição reflete a visão de mundo que uma pequena parcela do corpo cívico tinha acerca de quem deveria fazer e participar da política. Esta atitude, presente nos textos antigos, apresenta uma carga ideológica muito forte, exalando os valores oriundos dos cidadãos atenienses ricos (καλοί κάγαθοί). Esta questão pode ser plenamente apreendida, a partir de um interessante diálogo envolvendo Sócrates (S) e Eutherus (E).

(S) “De onde você vem, Eutherus?”

(E) “Eu vinha de casa quando a guerra terminou, Sócrates, e estou agora morando aqui, ele replicou. Desde que nós perdemos nossa propriedade no exterior (ὑπερορία κτήματα), e meu pai não me deixou nada na Ática, eu sou forçado a residir aqui, agora e trabalhar com o meu próprio corpo para conseguir a minha sobrevivência (ἀναγκάζομαι νῦν ἐτιδημήσας τῷ σώματι ἐργαζόμενός τὰ ἐπιτήδεια πορίζεσθαι). Eu acho que isto é melhor do que mendigar (δεῖσθαι), especialmente porque eu não possuo nada para oferecer como garantia para pegar um empréstimo (δανειζοίμην).

- (S) E, por quanto tempo, você acha que terá força para ganhar sua própria vida através do trabalho?
- (E) Oh, não por muito tempo, é claro.
- (S) Mas lembre-se, quando você ficar velho, você terá que gastar dinheiro, e ninguém estará disposto a te pagar pelo seu trabalho.
- (E) É verdade.
- (S) Então seria melhor procurar, imediatamente, uma atividade que lhe assegure alguma segurança quando você ficar velho, e ir trabalhar para alguém que está em uma melhor situação e precisa de um assistente. Você receberia uma compensação pelos serviços prestados como seu intendente, mas, em troca, ele esperaria que você recebesse a sua colheita e zelasse pela sua propriedade.
- (E) Eu não gostaria de me tornar um escravo (δουλείαν ὑπομείναιμι), Sócrates³³.”

Este diálogo revela aquela questão que discutimos mais acima, isto é, o trabalho assalariado livre goza de um *status* extremamente baixo aos olhos de determinados setores da sociedade ateniense. Quando Sócrates propõe a Eutherus que ele trabalhe como um intendente (ἔργων τε ἐπιστατοῦντα), como forma de ter uma velhice mais tranqüila, este último dá uma resposta extremamente desconcertante, isto é, Eutherus associa o trabalhar (ou estar submetido) para alguém como próprio dos escravos. Como situar, nesta perspectiva, aquela parcela significativa dos corpo cívico que, no dia-a-dia, trabalhava para outros cidadãos? De fato, se eles pudessem evitar esta situação, certamente não hesitariam em fazê-lo.

Como salientou corretamente Finley,

“[...] a riqueza era uma necessidade e era boa; ela era absolutamente indispensável para uma vida boa; e em geral não havia mais nada a dizer³⁴.”

Pode ser afirmado, a partir desta perspectiva, que o envolvimento dos camponeses áticos em atividades assalariadas se devia, única e exclusivamente, à sua condição de pobreza. Aristóteles, ao eleger a melhor das formas de governo democráticas, salientou esta questão:

“A melhor de todas é, com efeito, a população agrícola (γεωργικός), de modo que é possível estabelecer inclusive uma democracia ali, onde a multidão vive da agricultura ou do pastoreio. Por não possuir muitos bens (οὐσίαν), ela não dispõe de ócio (ἄσκολος), de modo que, raramente acode as assembleias; assim, ao carecer do necessário, ela dedica todo o seu tempo ao trabalho e não cobiça as coisas alheias, senão que acha mais agradável trabalhar do que tomar parte da política e dos cargos públicos [...]”³⁵.”

Esta passagem deixa transparecer a seguinte questão: o referido filósofo não encontrou nenhuma dificuldade em relacionar a multidão, que vive da agricultura ou do pastoreio, com a pobreza³⁶. Esta relação era o resultado de uma constatação palpável presente na própria realidade ateniense. Aristóteles podia afirmar, com muita naturalidade, neste sentido, que os pobres, por não possuírem escravos, se viam forçados a empregar suas mulheres e filhos como servos (ἀκολούθοις) nas tarefas diárias³⁷.

Constata-se, portanto, que o papel desempenhado pelos parentes, amigos e trabalhadores assalariados livres, enquanto força de trabalho, foi extremamente significativo na agricultura ática. É possível afirmar, a partir dos fortes indícios verificados nos textos antigos, que um percentual considerável dos produtos agrícolas áticos só puderam ser produzidos, como resultado direto de trabalhos braçais realizados por uma parte significativa do corpo cívico.

Notas Bibliográficas

¹ OSBORNE, R. *Demos: The Discovery of Classical Attika*. Cambridge: Cambridge University Press, 4ª ed., 1991, p. 146.

² EURÍPIDES. *Electra* 71-76; quanto a forma do espaço rural ser tratado no teatro antigo grego, ver: ROY, J. The Countryside in Classical Greek Drama, and Isolated Farms in Dramatic Landscapes, in: SHIPLEY, G. and SALMON, J. (Eds.). *Human Landscapes in Classical Antiquity: Environment and Culture*. London: Routledge, 1996, pp. 98-118.

³ EURÍPIDES. *Electra* 104, 107, 110. Há uma passagem muito parecida com esta de Eurípidés, onde um outro autor antigo grego afirma a possibilidade de se confundir um cidadão com um escravo, por causa da sua vestimenta, ver: PSEUDO-XENOFONTE. *A Constituição dos Atenienses* 1,10.

⁴ EURÍPIDES. *Electra* 79-81; o emprego de tais animais parece ter sido uma característica comum entre os agricultores antigos atenienses. Ver, sobre esta questão, por exemplo: ARISTÓFANES. *Os Acarnenses* 1020-23, 1036; *Os Pássaros* 582-84; LÍSIAS 4.1; PLATÃO. *A República* 370 d-e; TEOFRASTO. *Os Caracteres* 4.11.

⁵ EURÍPIDES. *Electra* 404-408, 422-24; sobre o estoque de carvão mantido pelo ateniense, ver: OLSON, S.D. Firewood and Charcoal in Classical Athens, in: *Hesperia* 60 (1991) 411-420.

⁶ EURÍPIDES. *Electra* 206, 210, 252.

⁷ IBIDEM. 96, 246.

- ⁸ FINLEY, M.I. *A Economia Antiga*. Porto: Afrontamento, 2ª ed., 1986, pp. 99-100.
- ⁹ WOOD, E.M. *Peasant — Citizen and Slaves. The Foundations of Athenian Democracy*. London: Verso, 1989, pp. 65-66, 71-72.
- ¹⁰ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco* 1160a 6-7.
- ¹¹ IBIDEM. 1165a 16-17.
- ¹² GALLANT, T.W. *Risk and Survival in Ancient Greece. Reconstructing The Rural Domestic Economy*. Cambridge: Polity Press, 1991, p. 156; ver, também, mais abaixo, uma discussão específica sobre o papel do vizinho na agricultura ática.
- ¹³ PLUTARCO. *Cimon* 10.1-2; P. ARISTÓTELES. *A Constituição de Atenas* 27.3; este exemplo sendo tratado como um caso de evergetismo, ver: GARNSEY, P. *Famine and Food Supply in The Graeco - Roman World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 85; sobre uma tentativa de situar esta passagem num quadro de patronagem, ver, por exemplo: FINLEY, M.I. *A Política no Mundo Antigo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, pp. 54-56; MILLETT, P. Patronage and Its Avoidance in Classical Athens, in: WALLACE-HADRILL, A. (Ed.). *Patronage in Ancient Society*. London: Routledge, 1990, p. 24.
- ¹⁴ DEMÓSTENES 53.4-5.
- ¹⁵ TEOFRASTOS. *Os Caracteres* 4.13-14.
- ¹⁶ DEMÓSTENES 53.7-13.
- ¹⁷ É possível observar estas questões, por exemplo, nas comédias aristofânicas; ver, também: OSBORNE, R. *Classical Landscape with Figures. The Ancient Greek City and Its Countryside*. London: George Philip, 1987, p. 18.
- ¹⁸ TEOFRASTOS. *Os Caracteres* 9.7.
- ¹⁹ IBIDEM. 10.13.
- ²⁰ DEMÓSTENES 55.23-24.
- ²¹ Este parece ser o caso, por exemplo, em: XENOFONTE. *Econômico* 20.16; *As Rendas* 4.5.
- ²² XENOFONTE. *Hierão* 6.10; DEMÓSTENES 18.51.
- ²³ XENOFONTE. *Econômico* 18.2.
- ²⁴ IBIDEM. 18.2.
- ²⁵ ARISTÓFANES. *As Aves* 712.
- ²⁶ TEOFRASTOS. *Os Caracteres* 4.6.

²⁷ MENANDRO. *Discolos* 329-331.

²⁸ DEMÓSTENES 57.45; sobre esta questão, ver, também: OSBORNE, R. *Demos: The Discovery of Classical Attika*, p. 247, nota 46; SALLARES, R. *The Ecology of the Ancient Greek World*. London: Duckworth, 1991, p. 431, nota 50; BURFORD, A. *Land and Labor in the Greek World*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1993, p. 191.

²⁹ PLATÃO. *As Leis* 805 d-e.

³⁰ Sobre a prática do 'cortinamento' feminino ser uma posição eminentemente ideológica, ver: POMEROY, S. *Goddesses, Whores, Wives, and Slaves. Women in Classical Antiquity*. New York: Dorset Press, 1975, pp. 78-84; WALKER, S. *Women and Housing in Classical Greece: the Archeological Evidence*, in: CAMERON, A. e KUHRT, A. (Eds.). *Images of Women in Antiquity*. London & Sydney: Croom Helm, 1984, pp. 81-91.

³¹ Com relação aos sete vasos, ver: BEAZLEY, J.D. *Paralipomena. Additions to Black-Figured-Painters and to Attic Red-Figured Vase-Painters*. Oxford: Clarendon Press, 2ª ed., 1971, p. 353,1; BEAZLEY, J.D. *Attic Red-Figured Painters*. Oxford: Clarendon Press, 2ª ed., 3 vols., 1963, p. 922,1 (esta obra será denominada, daqui para frente, de *ARV*); BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 763,1; BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 523,1; BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 582,19; BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 1364,2; *Corpus Vasorum Antiquorum - Mainz Universität*, 2, Deutschland (1993) tafel 31, figs. 2.

³² PLATÃO. *Político* 290a; ISÓCRATES 14.48; ISEUS 5.39.

³³ XENOFONTE. *Memoráveis* 2.8.1-4.

³⁴ FINLEY, M.I. *Op. Cit.*, p. 46.

³⁵ ARISTÓTELES. *A Política* 1318b 10-16.

³⁶ Sobre esta questão, ver, também: ISÓCRATES 7.44.

³⁷ ARISTÓTELES. *A Política* 1323a 5-6.